



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GENI LURDES CAMILOTTI MASCARELLO**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-295

**Entrevistado/a:** Geni Mascarello

**Nascimento:** 05/08/1954

**Local da entrevista:** residência da entrevistada (Porto Alegre, RS)

**Entrevistadora:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Data da entrevista:** 23/10/2012

**Transcrição:** Rangele Guimarães Viegas da Silva

**Copidesque:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Pesquisa:** José Patrício Cunha Pinheiro e Silvana Vilodre Goellner

**Mídia:** Gravador digital

**Total de gravação:**

**Páginas Digitadas:** 10

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Trajectoria da atleta nas corridas; Inicio de competição em maratonas; Maratona de Nova Iorque; Maratona de Porto Alegre; Organização da Maratona de Porto Alegre; Clube de Corredores de Porto Alegre; Participação do público na Maratona de Porto Alegre; Premiação das mulheres nas maratonas; análise de sua trajetória; Corridas como forma de saúde; Realização profissional; Realização como atleta

Porto Alegre, 23 de outubro de 2012. Entrevista com a senhora Geni Lurde Camilotti Mascarello, a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P – Boa tarde Geni, por gentileza diga o seu nome completo, data de nascimento e profissão.

G.M – Geni Lurdes Camilotti Mascarello, data de nascimento é 05 de agosto de 1954, sou técnica em nutrição e dietética, atualmente trabalhando no IMESF - Instituto Municipal de Estratégia de Saúde da Família.

J.P – Como se deu o início da tua carreira esportiva e quando começou o teu interesse pelas corridas, pelas maratonas?

G.M – Bem, o meu interesse pela corrida aconteceu em 1979 e 1980, e eu comecei na verdade a correr porque eu estava com um pouquinho de sobrepeso e o meu ex-marido na época treinava para o campeonato praiano que acontecia em todos os verões na praia e ele ia para o treino e eu o acompanhava no treino, e comecei a dar uma voltinha na pista do Marinha do Brasil, naquela época foi construído o parque Marinha do Brasil, a pista ainda era nova, então, aquilo chamava bastante atenção e eles treinavam ali, e eu comecei a correr no parque junto ao pessoal que treinava para o campeonato.

J.P – Este Campeonato Praiano era campeonato de futebol?

G.M – Futebol de praia... E aí eu comecei correndo uma volta na pista, duas, três, e foi indo... Depois de alguns meses eu cursava técnico em nutrição e dietético na escola Ernesto Dornelles, e uma colega me falou que no Centro Estadual de Treinamento, o CETE, tinha uma treinadora, aí eu fui lá e me apresentei para a professora Emirleti<sup>1</sup>, ela me convidou para eu fazer um teste na Sogipa<sup>2</sup> e comecei a treinar na Sogipa desde então, desde 1981 que eu entrei para a Sogipa.

---

<sup>1</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>2</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

J.P – E foi fácil para correr diretamente para a maratona, ou tu correu várias vezes ainda corridas menores... Que corridas tinham assim naquela época para se iniciar carreira na maratona?

G.M – Bem eu comecei primeiro correndo na pista de 800, 1.500 e 3.000 metros, eu não era boa em nenhuma. Eu corria porque era o que eu tinha no momento, e tinha alguma corrida rústica eu me lembro da minha primeira corrida, o Corre Corre Lojas Renner que foi quando começou um *boom* de competições aqui no estado e, eu não me lembro em que ano foi ,este mas deve ter sido em 1981, 1982 eu não me lembro a data direito, mas foi o Corre, Corre Lojas Renner onde reuniu milhares de pessoas e depois começou uma corridinha aqui, outra corridinha lá... As corridas eram raras, depois em 1982 começou um movimento com a Atlântica Boa Vista, Bradesco, em 1984 eu corri a minha primeira maratona no Rio de Janeiro; não foi a Porto Alegre, foi no Rio de Janeiro; em 1983 teve a Maratona de Porto Alegre e eu corri só meia maratona porque eu não estava bem para correr a maratona toda; então, Porto Alegre, eu não me lembro direito as datas está meio confuso, porque é muita coisa para me lembrar... Eu me lembro da minha primeira maratona e das primeiras corridas de rua, e a Maratona de Porto Alegre depois veio na seqüência né, depois todos os anos eu competia, algumas eu ganhei sete em Porto Alegre; umas eu perdi, outras eu não participei porque foi o nascimento da minha filha, outra porque eu tinha um problema de saúde também que eu não corri, e assim foi, mas o meu interesse mesmo pela maratona começou em 1981 quando eu assisti pela primeira vez pela televisão a Maratona de Nova Iorque, que quem ganhou foi a Allison Pamela Roe, uma Norueguesa e o Alberto Salazar que também acabou batendo o recorde da prova... Ai eu olhando aquilo e assistindo a maratona eu pensei assim: “Pô, eu jamais vou conseguir correr uma maratona, atualmente eu estou correndo 3 quilômetros e estou morrendo, imagina correr 42!” E qual foi a minha surpresa que depois a maratona se tornou a minha prova favorita e onde eu apresentei o melhor resultado de toda a minha vida.

J.P – Tu lembrás quantas maratonas fizestes em toda a tua carreira?

G.M – Mais ou menos umas 50 maratonas. Ganhei várias, perdi muitas, quer dizer perdi não, deixei de ganhar, mas foi assim eu sou uma pessoa atualmente realizada, quando eu olho para trás assim e visualizo o que eu fiz, meu Deus, eu fiz muita coisa e vai ser muito

difícil, eu acredito, vai demorar ainda para chegar alguém que faça tudo o que eu fiz né, porque na verdade eu consegui fazer, eu realizei um sonho eu consegui fazer o que eu queria na maratona.

J.P – Tu tens alguma em especial que tenhas pensado: Esta foi a mais importante a mais difícil, tu guarda alguma delas assim de especial?

G.M – Olha a Maratona de 1993 que foi a última que eu ganhei em Porto Alegre, foi a maratona, quer dizer, foi a última que eu ganhei me Porto Alegre e também a mais marcante da minha vida, porque me abriu as portas para o mundo, por que? Porque esta o prova para quem chegasse em primeiro, tanto no feminino quanto no masculino, teria uma passagem para Nova Iorque, um pacote para a Maratona de Nova Iorque para competir a Maratona que foi em maio e em dezembro quem vencesse em Porto Alegre teria esta passagem, Novembro, quero dizer. Ai eu corri Porto Alegre e treinei tanto para correr em Porto Alegre mas tanto que no meu treinamento eu projetava Nova Iorque; quando eu me sentia muito cansada eu fechava os olhos e me via correndo assim, eu me visualizava dentro da Maratona de Nova Iorque, na cidade de Nova Iorque, e eu treinei demais para esta maratona, eu queria ganhar a maratona, eu queria correr em Nova Iorque, era a minha oportunidade... E dei tudo o que eu tinha neste treinamento até chegar o dia da maratona, e quando cruzei a linha de chegada eu não acreditava, porque eu fiz um tempo que para a minha época, foi um tempo maravilhoso eu corri por 2h, 44min e 1s, e eu enfrentei um pelotão de 30 mulheres, fortes, 20 correram abaixo de 3 horas, 10 correram abaixo de 2 horas e 50 minutos, então foi a maratona com o melhor nível técnico que já aconteceu aqui em Porto alegre em termos de mulheres com tempos bons e disputando a prova, disputando o primeiro lugar e eu consegui ganhar a maratona, e isso me deu chance de participar de uma Copa do Mundo, me deu índice para participar ou do Mundial que aconteceu na Alemanha ou da Copa do Mundo de Maratonas que aconteceu na Espanha, e eu fui para a Copa do Mundo de Maratonas em São Sebastian na Espanha. Só que a equipe foi desfalcada, tinha que ter três mulheres para correr, para competir, para fechar equipe e não tinha mulheres com aquele tempo, eu fui a única, mas como eu tinha ganho Porto Alegre eu tinha índice, eu não acabei a maratona, eu não me senti bem e deixei para correr Nova Iorque quer era uma semana depois.

J.P – Tu lembra alguma coisa sobre a organização daquelas primeiras provas, como que era esta organização?

G.M – Na verdade o CORPA<sup>3</sup> ele começou assim... Eu participei das primeiras reuniões do CORPA desde que ele nasceu, não me lembro da data certa da fundação do CORPA, mas eu me lembro que as primeiras reuniões do CORPA aconteciam no consultório do Doutor Ayub<sup>4</sup>, ali pelo Parcão<sup>5</sup>. E as primeiras maratonas elas eram assim com a organização empírica entende? A gente não sabia o que ia acontecer no meio da corrida, porque o trânsito não era fechado, balizado, a gente corria no meio dos carros, o que a gente recebia no meio do caminho era água e também muito precário, quer dizer, não tinha um isotônico, não tinha Carbogel, não tinha nada. Era uma aventura correr a maratona, porque a gente competia com os carros, competia com as bicicletas, com os cachorros, com tudo. É muito legal a gente lembrar disso sabe, porque agora a gente vê o que é a organização da Maratona de Porto Alegre e de quanto ela cresceu. Na verdade este pessoal que está chegando agora não sabe praticamente nada da nossa história, da nossa luta, inclusive as mulheres. Quando eu comecei a competir, não tinha premiação para a mulher, era competição só para o masculino, o feminino não tinha direito à premiação, quer dizer, a gente só competia junto com os homens, várias competições que eu participei eu ganhei no feminino na hora eu não levava premiação, eu chegava com a organização e colocava, recebia a premiação um, dois meses depois, entendeu? Porque daí que eles iam mandar confeccionar um troféu, mandar confeccionar uma medalha, porque não tinha premiação para o feminino, inclusive a premiação em dinheiro. A gente saía para competir e chegava lá e só tinha premiação para o masculino, então, foi uma luta para conseguir esta igualdade de premiação, tanto para o masculino, quanto para o feminino. O pessoal que está chegando agora não sabe, mas toda esta luta foi feita por nós mulheres dentro do espaço que a gente tinha.

J.P – E agora tu achas que esta organização corresponde às expectativas dos maratonistas, tudo aquilo que um maratonista precisa para ter uma boa corrida?

---

<sup>3</sup> Clube de Corredores de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Antônio Celso Ayub.

<sup>5</sup> Parque Moinhos de Vento.

G.M – A organização da maratona ela está muito boa, o que acontece... Eu acho que é cobrado um valor muito alto em todas as competições que são organizadas por ai, porque... Se você for participar de todas as corridas que tem durante um mês, a gente gasta em torno de 600 a 700 reais por mês, isso só em inscrições de corrida. Qual o atleta que tem, ou qualquer pessoa que queira participar que tenha este dinheiro para dispor? A não ser que se ganha muito bem. Então isso deixa muita gente de fora pelo alto valor que é cobrado na organização das corridas... Claro, é oferecida uma água, uma camiseta, mas na verdade se tornou um comércio e as pessoas ganham muito dinheiro em cima disso. São as assessorias ou treinamento, tudo bem, paga quem quer, eu acho alto; eu acho que tinha que ter para a promoção da saúde, para as pessoas participarem que é o que está acontecendo agora. Tinha que ser subsidiado pelos nossos órgãos que nem estão sabendo o que está acontecendo. Como eu trabalho em saúde, eu vejo o quanto seria importante tanto para a saúde física quanto para a mental, então, eu acho que o governo, que as administrações teriam que investir nesta parte e dar a oportunidade para todo mundo participar. Por exemplo, tem a caminhada no domingo, tem pessoas que não podem, não tem dinheiro para pagar, eu mesmo tenho grupo de caminhada na unidade de saúde onde eu trabalho, é para a promoção da saúde, e tem umas que já estão começando a correr também, mas eu não posso oferecer: “Vamos participar da competição no domingo.” porque a gente não tem patrocínio para levar este pessoal.

J.P – Como que tu vê a participação do público na nossa maratona durante a corrida? Não o público que corre a maratona, mas o público que participa dela como expectador, vamos dizer assim.

G.M – É que a maratona perdeu, para mim, eu estou falando por mim entendeu, ela perdeu aquele *glamour* que tinha porque, por exemplo, hoje a gente vai na maratona e nós não temos um representante aqui da nossa cidade correndo, representando a nossa cidade, representando o nosso estado para a gente passar lá e gritar o nome. Tipo, vamos torcer para fulano de tal, que se torne referência na maratona. A gente perdeu isso, nós não temos isso, que me desculpem os atletas que competem hoje aqui no nosso estado, mas eu não vejo um nome para levar a nossa cidade, que diga: “Eu sou de Porto Alegre, estou correndo, estou representando a nossa cidade.” Isso eu lamento, eu queria que tivesse vindo alguém que estivesse correndo pelo amor ao nosso esporte, entende, que não fosse



pelo dinheiro da premiação, porque eu corri muita maratona para ganhar um troféu e aquilo para mim era um máximo, poder levantar o troféu representando a minha cidade. Teve maratonas assim que quando eu cheguei no Parcão, quando eu entrei lá e vinha subindo ali na rua Goethe eu só ouvia aquele “uuuuuhhh” das pessoas do Parcão, das pessoas me esperando, sabe eu queria que alguém vivesse o que eu vivi, que falasse, que pudesse dizer: “Olha, eu sou de Porto Alegre e eu vou correr representando Porto Alegre.” Isso se perdeu com o tempo e o público também deixou de ir. Por quê que o público vai lá? Vai lá para ver um queniano que não sabe nem de onde vem nem para onde vai; que veio aqui porque tem uma premiação, entendeu? As pessoas hoje não competem por amor ao esporte, eu vejo que os que vem competir, vem competir pela premiação. Porque não falam da cidade: “Ah, é uma cidade linda, é um povo, eu vim aqui porque eu gostaria de conhecer a cidade, de ver como que é.” Eu gostaria que levassem no peito o nome de Porto Alegre, que representassem a nossa cidade, então, eu acho que o público também, vai para lá e ele não sabe para quem torcer, ele não conhece, ele não identifica, entendeu, vai lá para ver... Antigamente as pessoas iam para a rua com radinho na mão e ficavam gritando o nome dos atletas. Teve uma época, aconteceu um caso numa maratona de um mendigo, se colocou em cima da passarela do Parcão, e isso me foi relatado por outras pessoas, um mendigo todo sujo se colocou em cima da passarela do Parcão, e aí, eu não me lembro se foi a Brigada Militar ou quem foi, que tentou tirá-lo da passarela porque ele incomodava as pessoas com aquele monte de lixo e estas coisas, aí ele falou assim: “Não, eu só vou embora quando ela chegar, quando a Geni Mascarello chegar.” Aquilo foi tão importante que eu nunca esqueço, quando me contaram, quer dizer: um mendigo, um cara que mora por aí embaixo da ponte foi lá na passarela para ver a minha chegada, quer dizer, eu era uma referência para ele, então, é isso que falta. É correr por amor, por aquilo que... representando a cidade, é isso que eu gostaria de ver também.

J.P – O que tu achas destas corridas do dia da maratona que não a maratona, que são as coisas de revezamento, elas ajudam a ter mais público ou elas atrapalham a corrida principal que é a maratona?

G.M – Elas ajudam a ter mais participantes, a ser um evento com muito maior número de participantes, de dar oportunidade de participar também correram, agora, isso ofusca a maratona; quando era só a maratona, era outra maratona, a minha visão, veja bem,

entende, eu acho que ofusca a maratona porque está chegando o primeiro lugar da maratona e está misturado, está no meio daquele povo todo. Eu gosto mais de maratona só maratona e não assim misturado porque a Maratona de Nova Iorque não tem assim misturado, porque Nova Iorque não tem revezamento, nenhuma destas maratonas famosas pelo mundo todo elas tem revezamento junto, é só a maratona... Mesmo porque não comporta. Nova Iorque, por exemplo, 30 mil corredores com revezamento, e acredito que Porto Alegre, se continuar aumentando o número de corredores só da maratona, não sei se vai comportar, porque acaba dando confusão tanto no percurso quanto na organização toda; tu não sabe quem é da maratona, quem é do revezamento, é complicado, porque tu está ali, tu está insistindo tu não sabe da onde vem para aonde vai, é muita confusão e ninguém vai ler o manual para assistir a maratona. Já é difícil o povo ir assistir a maratona, imagina o povo ter que ler uma orientação para onde tu podes se colocar para ver a maratona, o nosso público ainda não se acostumou com isso.

J.P – Na tua opinião o que se deve a popularização das corridas não só da maratona, mas as corridas em geral aqui na nossa cidade?

G.M – É que a corrida ela foi incorporada como um estilo de vida, e hoje se trabalha muito inclusive o Governo Federal com vários programas para prevenir a hipertensão, diabetes, várias comorbidades que, com o longo dos anos, vão se instalando nas pessoas e não tem cura. Tu tens que monitorar, tu tens que manter sobre controle, então, eu acredito que a área da saúde estimula muito as pessoas. A gente vê em todos os espaços que se trabalha com a saúde estimulando as pessoas a fazer, a praticar um exercício físico, então, a corrida ela é prática, tu faz em qualquer lugar, a qualquer hora, e ai surgiram as assessorias, que na verdade é muito bom, as pessoas podem correr em grupo, tu tem companhia, tu tem parceiro para isso e aquilo; o pessoal está também se dedicando, está crescendo bastante, abriu assim um mercado de trabalho para os profissionais da educação física que também ficavam muito dentro de academias, de clubes, então, abriu um mercado muito bom para os educadores físicos.

J.P – Bom, a senhora acha que a nossa maratona poderá um dia se tornar uma grande maratona, como outras a exemplo de São Paulo, Nova Iorque, Berlim...

G.M – Assim, a minha opinião é que vai depender muito do CORPA. Como que eu vejo? Assim, eu vejo o CORPA que ele não cresceu muito como a maratona cresceu. Por exemplo, Nova Iorque: a maratona de Nova Iorque está a cargo de um clube de corredores que tem lá, eu não sei bem o nome mas eu posso te passar mais tarde, é um clube de corredores que organiza a maratona,. O que eu vejo no CORPA? Eu não sei se... Eu não acompanho também, então eu não posso falar muito sobre isso, mas eu não sei se tem renovado a diretoria, quem é o diretor do CORPA hoje, eu não sei também onde é divulgado, eu não vejo muito movimento do CORPA. Eu mesmo não sou sócia do CORPA, não participo do CORPA, então, eu acredito que para a Maratona de Porto Alegre avançar o CORPA deveria também avançar bastante, porque algo cresce com alguém crescendo junto...

J.P – Geni, eu já te fiz quase todas as perguntas, tu gostarias de acrescentar mais coisas? Na verdade eu tenho uma última pergunta... Teria alguma sugestão, apontar alguns fatores que poderiam contribuir para este crescimento da nossa maratona?

G.M – Crescimento da Maratona...

J.P – Até mesmo para aumentar o número de participantes...

G.M – É a maratona, a nossa maratona tem uma fama muito boa, ela é muito bem vista lá fora em visão de uma boa organização, atualmente ela está bem organizada, tem algumas falhas, normais, como, por exemplo, no ano passado que houve falha no percurso; alguém correu mais, alguém correu menos, então, isso preocupa porque o cara que vem de fora quer um percurso certo. Ele quer saber que correu os 42 quilômetros, então, eu gostaria que ficasse um percurso fixo, como existia antigamente; tu sabia que aquele era o percurso da maratona, ai todo o ano muda, muda aqui, muda ali, tu nunca sabe onde está correndo; ai acontece: tu erra o percurso, corre a mais, corre a menos, eu acho que muito importante. O percurso e uma boa organização, que no momento eu acho ela bem organizada, mas se ela crescer esta organização tem que acompanhar também uma boa organização, como eu não tenho competido na Maratona de Porto Alegre nos últimos anos eu não posso falar muito porque eu não sei o que acontece lá por trás, lá por dentro, entendeu? Eu fico na chegada, eu gostaria que a Maratona continuasse com a chegada no Parcão porque ali tu

via o público todo que vinha assistir a Maratona. Era aquela multidão, é mais acessível, mas em função da mobilidade do povo, na cidade no dia da maratona é inviável, então ela vai para aonde tem espaço.

J.P – Geni, um comentário meu, tu faz parte deste processo histórico da maratona, não tem como fugir disso. Os atletas são a parte muito importante deste evento e como tu tem uma representabilidade tremenda, e é por isso que a gente busca a Geni.

G.M – Assim, como eu te falei no início da nossa conversa, eu sou uma pessoa realizada no esporte, eu fiz, eu queria participar de uma seleção brasileira lá fora, eu participei de duas copas do mundo de maratonas, uma em São Sebastian na Espanha em 1993 e outra na Grécia, em Atenas, que foi o percurso histórico onde agora aconteceu as Olimpíadas. Não a última, mas anterior, a de 2004. Eu corri de Maraton a Atenas, no estádio onde aconteceu a primeira Olimpíada da era Moderna, então, para mim... Imagina um atleta, uma pessoa que veio lá do interior, que nasceu numa cidadezinha com 4 mil e 500 habitantes hoje, quando eu nasci ainda era distrito de Encantado, sai de Butinga, e competi na Grécia, no percurso aonde tudo aconteceu, onde é o berço de tudo, um sonho assim... Nova Iorque também era um sonho, corri duas vezes em Nova Iorque; uma porque eu ganhei Porto Alegre e outra porque eu ganhei em Blumenau. Eu queria ganhar Blumenau, eu treinei e ganhei Blumenau, eu queria competir Nova Iorque e fui duas vezes; fui duas Copas do Mundo, fui a Paris representando Porto Alegre no Fórum Mundial de Esportes paralelo ao Mundial de Atletismo, também que é um sonho conhecer Paris e acompanhar um campeonato mundial, estas coisas... Eu me sentia muito assim gratificada quando eu representava alguma coisa, por exemplo, em Nova Iorque representando Porto Alegre, representando o Brasil, fui décima quinta. Em 1995 nós ganhamos por equipe, nós representamos o Brasil e nós mulheres fomos o primeiro lugar por equipe na Maratona de Nova Iorque em 1995, então, isso são coisas que alguém poderia me dizer: “Ah não, mas se tu tivesse trabalhado, tu teria ganho bastante dinheiro.” Não, para mim isso é um sonho realizado, e uma porta que se fechou, e eu parei de competir, mas assim, realizada. Eu não busco mais nada no esporte, eu já realizei um sonho que eu queria realizar, entendeu, então agora eu corro para me divertir, para me manter saudável, gosto de estar no meio das pessoas, de poder ajudar alguém a correr, por exemplo no meu trabalho, que eu trabalho com pessoas carentes, eu trabalho com Estratégia Saúde da Família, então eu tenho os

meus grupos de caminhada, orientando as pessoas a caminhar, orientando as pessoas na alimentação, nos primeiros anos de vida, orientando gestantes, os idosos, então tudo isso são coisas que eu procuro realizar, e a corrida foi um sonho, a maratona é um sonho realizado, fechado com chave de ouro.

J.P – Ok, eu agradeço em nome do Centro de Memórias do Esporte, da professora Silvana<sup>6</sup> que é a nossa coordenadora, então Geni, muito obrigado.

G.M – Ok, qualquer coisa a gente está à disposição para o que precisar complementar.

[FIM DO DEPOIMENTO]

---

<sup>6</sup> Silvana Vilodre Goellner.